



Deslocamentos culturais em *Morro Azul*: identidade cultural e pertencimento

Grazielli Alves de Lima*

Erika Regina de Lima**

Resumo: A obra *Morro Azul: estórias pantaneiras* (2010) trata da saga de formação do estado de Mato Grosso do Sul, retratando desde a Guerra do Paraguai até meados da década de 1990. Em virtude do conflito bélico, moradores do estado (ainda Mato Grosso) se viram forçados a sair de suas terras, migrando para o Morro Azul, localizado às margens do rio Aquidauana. A permanência nesse local oportunizou vários contatos culturais, que influenciaram, posteriormente, a vida desses moradores e, por conseguinte, as múltiplas identidades culturais dos mesmos. Desse modo, propomos refletir sobre a influência de movimentos diaspóricos na constituição da identidade cultural desse *locus*.

Abstract: The book *Blue Hill: Pantanal stories* (2010) [Morro Azul: estórias pantaneiras] discusses the formation saga of the state of Mato Grosso do Sul, portraying since the War of Paraguay until the mid-1990s. Because of armed conflict, residents of the state (even Mato Grosso) were forced to leave their lands, migrating to Blue Hill, located on the banks of the river Aquidauna. The permanence in this location provided an opportunity various cultural contacts, that influenced later life of residents, and therefore the multiple cultural identities of the same. Thus, we propose to reflect on the influence of diasporic movements in the formation of cultural identity of this locus.

Palavras-chave: Migração; Identidade Cultural; Pertencimento.

Key words: migration; Cultural identity; Belonging.

[...] o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? (Stuart Hall, 2011, p. 28).

Os deslocamentos geográficos sempre estiveram presentes nas sociedades mais remotas, proporcionando os mais diversos contatos culturais. Nem sempre esses movimentos migratórios são opcionais para aqueles que se veem nessa situação. O que ocorre é que eventos como guerras, ditaduras, entre outros, forçam populações inteiras a deixarem seu lugar de origem e se abrigarem em outros *locus*.

* Possui graduação em Letras (2007) pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD/MS, Especialização em Letras (2009) pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS e Mestrado em Letras (2012), pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD/MS com Bolsa CAPES.

** Formada em Letras pelas Faculdades Integradas de Naviraí - FINAV/UNIESP. Desenvolveu pesquisa sobre a obra *Morro Azul: estórias pantaneiras* (2010), da escritora sul-mato-grossense Aglay Trindade Nantes, sob orientação da Prof. Ma. Grazielli Alves de Lima.

Ao nos voltarmos para a América Latina observamos que esses movimentos diaspóricos são frequentes. Assim, são vários os momentos em que os povos latino-americanos se viram forçados a buscarem outros lugares para recomeçarem e reconstituírem seus lares, suas vidas. E nesse movimento de (i)migração, os mais diversos contatos culturais são estabelecidos, promovendo uma intensa relação de trocas.

Entre esses eventos, citamos a Guerra do Paraguai (1864 -1870), conflito bélico que envolveu Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Durante o conflito, o Paraguai foi devastado e saiu derrotado pela tríplice aliança. Sobre o período, vários são os testemunhos, relatos históricos, documentos, entre outros, que rememoram suas consequências. Junto a esses documentos há também uma vasta produção literária, que reescreve, por várias perspectivas, a história de vencedores e de vencidos.

Sob essa perspectiva, nos deparamos com a obra da escritora sul-mato-grossense Aglay Trindade Nantes¹, intitulada *Morro Azul: estórias pantaneiras* (2010)². O enredo se inicia com a invasão das tropas paraguaias a alguns vilarejos do sul do antigo Mato Grosso e retrata, em grande parte da narrativa, a forma como as famílias sobreviveram durante o período do conflito.

Com a chegada da notícia da invasão famílias inteiras se viram obrigadas a migrar para o Morro Azul, localizado as margens do rio Aquidauana. Embora o deslocamento dessas famílias tenha ocorrido no estado, é expressiva na obra a situação de exílio na qual esses sujeitos se encontravam. Além disso, como o período ilustrado era de conflito bélico, os territórios estavam em constante disputa, impossibilitando delimitar, com certeza, as fronteiras entre Brasil e Paraguai. Assim, por cinco anos os moradores de Miranda (MS) e redondezas fizeram do Morro Azul sua morada e, nesse período, o que todos almejavam era que a guerra acabasse, para que pudessem voltar para casa e reconstruir os seus lares.

É importante ressaltar que durante a estadia no morro acentuaram-se os contatos com outras culturas que já existiam antes da invasão das tropas, principalmente, a paraguaia e a indígena. Entretanto, há uma inversão: antes, os fazendeiros exploravam a mão de obra barata dos indígenas e dos paraguaios – com a guerra, eles sentiam-se acuados pelas tropas paraguaias e pelos indígenas que habitavam o entorno do Morro Azul.

¹Aglay Trindade Nantes desponta como representante da literatura contemporânea de Mato Grosso do Sul, e sua obra, única publicada, surge como uma importante contribuição para o legado literário sul-mato-grossense.

² A obra foi lançada, primeiramente, no ano de 1993, com recurso da própria escritora. Por essa razão, apenas alguns exemplares foram editados e distribuídos entre grupos menores. Devido ao valor histórico, cultural e literário, *Morro Azul: estórias pantaneiras* foi reeditado no ano de 2010, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Desse modo, é interessante refletir, a partir da obra supracitada, as condições de migração, de exílio e dos contatos culturais que ocorreram a partir do evento e que influenciaram, posteriormente, na identidade cultural dessas famílias que, por conseguinte, culminaram na formação identitária de Mato Grosso do Sul. Sob esse prisma, o presente artigo tenciona observar essas nuances na obra de Aglay Trindade Nantes, bem como refletir sobre os conceitos de diáspora e identidade cultural.

1 Diáspora, identidade cultural e pertencimento: uma introdução

Diáspora. Termo originário do grego, significa “dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos”³. Essa dispersão está ligada a saída forçada de seu lugar de origem para outro e muito relacionada aos povos escravizados durante toda a história da humanidade. Assim, segundo Aimée G. Bolaños (2012, p. 84): “[...] Diáspora supõe dor, também novas formas de vida”. Segundo a ensaísta:

Dois séculos depois, documentada na tradução grega da Bíblia, refere-se ao êxodo do povo judeu e ao exílio na Babilônia. Primeira descoberta: a palavra tem a ver com criatividade multicultural. Entretanto, na história do êxodo, diáspora permeou-se de exclusão e vitimização, patentes nos vaticínios do Velho Testamento: “Serás disperso por todos os reinos da terra”. Na alta modernidade, o conceito, depois de um prolongado esquecimento, reaparece ressemantizado. Hoje o entendimento de diáspora é complexo, tornando-se grande tema em debate (BOLAÑOS, 2012, p. 84).

Atualmente, os estudos pós-coloniais têm revisitado o conceito de diáspora. Assim, nomes como de Edward Said, Gayatri Spivak e Stuart Hall tem contribuído para outros olhares com relação ao termo. Nessa perspectiva, a diáspora ganha contornos de multiplicidade de identidades em trânsito, que permanecem em constantes zonas de contato.

Stuart Hall, em obra intitulada *Da diáspora – identidades e mediações culturais* (2011), situa suas reflexões nesses constantes deslocamentos, com base nas imigrações dos povos caribenhos. A partir dessa premissa, o teórico sinaliza para as múltiplas identidades culturais, bem como metaforiza sobre o “retorno redentor”, tal como podemos observar abaixo:

[...] presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2011, p. 28).

³ Informações extraídas do dicionário virtual de significados, disponível em <http://www.significados.com.br/diaspora/>. Acesso em 08 set. 2014.

Conforme podemos observar, segundo Hall, embora forçado a sair de seu lugar de origem, o indivíduo ainda carrega consigo um sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem. Por isso, o sonho do “retorno redentor”. Desse modo, compreendemos que as identidades culturais, formadas a partir do coletivo e das peculiaridades de um locus, mesmo influenciadas por outros contatos, ainda sustentam suas particularidades, salientadas, inclusive, por esse sentimento de retorno ao lugar de origem. Assim, durante o período de exílio, ou mesmo, de deslocamento por vontade própria, o sujeito viabiliza formas para “voltar para casa”. E esse sentimento é reforçado pela constante reafirmação identitária.

Na obra *Morro Azul*, observamos que embora os indivíduos tenham migrado dentro ainda das fronteiras geográficas do estado, a estadia no morro fez com que os exilados reafirmassem suas crenças e raízes, salientando ainda, o caráter híbrido dessas múltiplas identidades que configuram o sujeito sul-mato-grossense.

Ao que concerne ao conceito de identidade Stuart Hall (2011) sublinha que o sujeito fala, incessantemente, a partir de uma colocação histórica e cultural específica, o que ocasiona pensar que “[...] elas [identidades] representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento” (HALL, 2011, p. 76. Grifo nosso).

Como bem pontua o referido crítico, a identificação é construída na interação entre o eu e a sociedade. E a identidade cultural define o que cada grupo é e estabelece uma diferença dos demais:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do *mais-que-um*. A identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para “consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2011, p.106).

Stuart Hall (2011) considera as identidades como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”, constantemente em processo de constituição, visto que:

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo [...] (HALL, 2011, p. 110).

Diante do exposto, é fato que os contatos estabelecidos a partir da experiência de exílio, influenciam, sobremaneira, a forma de identificação dos indivíduos, que ainda tencionam manter intactas suas raízes, mas sofrem constantes influências do meio em que

estão inseridos. Isso nos remete ao conceito de entre-lugar, que será explorado adiante, contextualizado na obra.

Assim, ressaltamos que é a partir do contato com o outro que essa identificação se constitui, o que implica falar em múltiplas identidades. Em situação de diáspora, o indivíduo estabelece zonas de aproximação com outras culturas, o que reafirma essa existência múltipla de identidades culturais, mesmo que, conforme afirma a crítica, o sentimento de pertencimento seja ainda elucidado, com bastante veemência, pelos sujeitos envolvidos no processo constante de transculturação.

Dentro desta perspectiva, nos interessa também a posição teórica de Hugo Achugar, pois, com a presença do outro na nossa cultura, a identidade tanto recebe quanto sofre influência. Em seu livro *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. (2006), o crítico nos convida a refletir sobre o “incerto espaço de hoje”. Assim se expressa: “Incertos, então, efêmeros também, mas carregados com todo o perecível e o durável que terão de construir os futuros por vir. Espaços incertos que obrigam a repensar. A repensar na arte, cultura, literatura, toda nossa vida. Esta é minha obrigação, esta é a tarefa” (ACHUGAR, 2006, p.26).

A posição do teórico nos remete ao entendimento de uma posição crítica capaz de “repensar a questão do sujeito do conhecimento em termos do nacional, do regional, do universal, dos despossuídos, dos marginais, dos subalternos, do colonial” (ACHUGAR, 2006, p.79). Nesse sentido, a literatura local também é regional visto que uma comunidade cultural só se representa como tal por meio de características que são, pela iminência de experiências, partilhadas.

Com a retina direcionada para o seu locus e reflexões relevantes acerca de identidade e culturas locais, Hugo Achugar (2006) vai encaminhando-nos a pensarmos a partir do nosso lugar, pois, segundo ele:

[...] Talvez seja necessário esclarecer que, não só não estamos habituados a que saibam de nossa existência e de nossa localização, mas que, como se fosse pouco, fomos adestrados pelo olhar imperial – seja este norte-americano ou europeu – para ver o que é nosso como desprezível e, portanto, a ignorância de tudo aquilo que tenha a ver com a nossa história, com a nossa cultura, ou com a nossa natureza, está plenamente justificada (ACHUGAR, 2006, p.282).

Diante disso, se faz urgente valorizar nossas produções. E, em se tratando de um espaço fronteiriço, formado a partir de várias culturas, que mantiveram constantes relações, justamente por períodos longos de diáspora, as obras produzidas aqui refletem exatamente essas profícuas relações de deslocamentos e trocas culturais, que culminam, no leitor, um significativo sentimento de identificação e pertencimento ao seu lugar de origem.

Assim, pensarmos a partir do nosso lugar é possível quando entramos em contato com obras como *Morro Azul: estórias pantaneiras*, pois, o seu narrar sobre os acontecimentos históricos, vai aos poucos revelando nosso passado e simbolizando nossas raízes.

2 Morro Azul: nuances culturais, identitárias e migratórias

Falando de morros que azulam no horizonte, de águas que borbulham nas correntezas, de pedras esculpidas pela natureza, a autora vai nos encaminhando para o interior do pantanal, onde gente antiga, humilde e heroica viveu, enfrentando as correrias da guerra, fugindo para os morros, tudo deixando para trás, apenas levando a esperança de futura volta para reconstrução dos modestos lares saqueados e destruídos (RODRIGUES, *Prefácio*⁴, 1993, p. 9).

A citação em epígrafe permite ao leitor, logo na apresentação do livro, adentrar no cenário poético e identitário que permeia toda a obra *Morro Azul: estórias pantaneiras* (2010). Tendo como cenário esse paraíso esquecido no sul de nosso estado, Aglay T. Nantes nos remete desde a vida pacata levada por nossos antepassados, transcorrida em fazendas que ficavam a quilômetros de distância uma das outras, até aos tempos difíceis transcorridos no Morro Azul.

Nesse lugar todos permaneciam tranquilos até a notícia da chegada da tropa paraguaia. “Nhá Gervásia, a paraguaia que vendia chipa na vila, não acreditava nos horrores que contavam sobre os seus patrícios” (NANTES, 2010, p. 37). Confirmada a invasão, os homens escolheram o Morro Azul para abrigarem suas esposas e filhos. Situado a margem esquerda do rio Aquidauana, próximo à cidade de Anastácio, sua localização favorecia a estada e facilitava o cultivo de plantações, bem como a higiene pessoal e o entretenimento das crianças.

⁴ Prefácio da 1ª edição de *Morro azul: estórias pantaneiras*, publicada em 1993.



FIGURA 1 – Morro Azul - MS.

FONTE: <http://www.beirariopantanal.com.br/anastacio.html>. Acesso em: 15 de set. 2013.

Dadas às circunstâncias, todos sem exceção reuniram suas forças em prol do bem comum, à vida. Ao chegarem ao Morro Azul, as famílias procuraram construir seus ranchos o mais próximo possível um dos outros, visando a segurança e o apoio de todos. Entretanto,

Uma delas, descuidando da defesa, construiu a sua moradia em local mais distante, sendo atacada por índios, queimada e seus moradores mortos. Este caso, pontuado no livro, tornou-se emblemático pelo fato de restar do ataque um sobrevivente, ainda menino, que foi levado pelos indígenas e só mais tarde, alguns anos depois do término da guerra, acabou sendo encontrado pelos seus familiares. Tratava-se da figura cinematográfica de João Dias de Faria, que se perpetuou como nome de um rio na região. Marcado pela convivência com os indígenas, João Dias nunca se adaptou à convivência com seus familiares, mantendo até o fim da vida hábitos nômades e arredios. Tinha se tornado um bugre, como era referido o indígena na região, de cabelos loiros, compridos e olhos azuis. É uma figura de destaque no livro, interligando o presente da época com os relatos indígenas sobre a cidade de Xerez fundada pelos espanhóis e de tesouros jesuíticos enterrados como uma lendária estátua de Cristo de ouro e visões de futuro. (CORRÊA; CORRÊA SALSA, 2010, p. 8).

A fuga obrigatória para o morro faz resplandecer a força de todos. É em meio a essa luta, entre dores e prazeres, dificuldades e conquistas que a escritora vai apresentando peculiaridades da identidade cultural sul-mato-grossense. Esta pode ser caracterizada por vários aspectos, porém uns são mais percebidos que outros, ressaltando formas associadas ao nosso pertencimento, e, principalmente, ao que se refere a formas híbridas culturais.

Conforme Stuart Hall (2011), falamos, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica e por mais que sejamos construídos por meio da diferença, devemos reconhecer que a identidade ao ser reivindicada é também reconstruída. É exatamente isso que acontece com os personagens da obra supracitada: após anos de exílio no Morro, suas identidades foram reconstruídas a partir das vivências e trocas culturais estabelecidas. Entre

esses personagens, essa reconstrução identitária é mais evidente no menino João Dias (que será observada adiante)

Dessa forma, retomamos o conceito para elucidar na obra as marcas desse composto híbrido. Assim, observamos a influência de outras culturas (paraguaia e a indígena), bem como aspectos que caracterizam a nossa cultura, como os costumes, as crenças, além da pesca, da culinária, entre outros.

Sob esse prisma, Aglay Trindade Nantes traz para o presente as particularidades e costumes do seu povo, “tanto em tempo de guerra como no da reconstrução” (CORRÊA; CORRÊA SALSA, 2010, p. 14). “Os mais ricos punham seus bugres em movimentos, para que fossem num só fôlego até a fazenda e de lá trouxeram a tropa já atrelada, toda a carne-seca, as rapaduras, os queijos, enfim todo o mantimento que encontrassem” (NANTES, 2010, p. 24).

Nota-se que nesse momento, a narradora alude aos indígenas uma condição subalterna. É importante frisar que estes eram subordinados às famílias, mas que no decorrer da narrativa, outros grupos indígenas são apresentados, estes mais selvagens, e nada coniventes com a situação de exílio que os fazendeiros e suas famílias se encontravam.

Notamos que no decorrer de toda a narrativa os indígenas são chamados de bugres, termo considerado pejorativo pela própria cultura, para reafirmar sua condição de subalterno. Aliás, em se tratando de termos como diáspora e identidade, é importante frisar que os próprios indígenas também se encontravam nessa situação, uma vez que a sua cultura era (e ainda é) constantemente menosprezada pela cultura do branco.

Entretanto, é interessante observar essa inversão de papéis: os brancos, devido à guerra do Paraguai, encontram-se exilados em território indígena e dependem, exclusivamente, dos saberes de seus subordinados, também indígenas, para que possam sobreviver. Assim, embora a condição do indígena seja subalterna, esses tiveram um papel fundamental: representados como conhecedores da terra, das plantas e da natureza, como um todo, esse saber foi dividido com os brancos, o que evidencia as práticas de trocas culturais, tal como podemos observar abaixo:

As crianças, armando arapucas [...]. Nas lagoas pegavam traíras, que já levavam limpas para casa. [...] Os bugres pescavam, à sua moda, os peixes maiores, como pintado, o pacu, o dourado e o jaú. Com eles os fugitivos aprenderam a escapar dos ferrões dos bagres e das arraias (NANTES, 2010, p. 50).

Assim, durante a guerra, os fugitivos tiveram sua rotina alterada conforme os conhecimentos e práticas culturais dos indígenas. Assim, para se alimentarem, passaram a

caçar e pescar. Ainda: “[...] além da colheita de frutas e mel e, quando alimentos básicos, remédios e até mesmo o sal acabavam, estes foram substituídos pelo mel, utilizado como tempero. Ervas medicinais foram utilizadas na prevenção e na medicação, pois foi por esse tempo que apareceu sarampo nas crianças” (NANTES, 2010, p. 51).

Essas passagens constataam que o saber indígena também foi essencial. Assim, é evidente que a aproximação de diferentes povos e, como consequência, de culturas, ocasionam misturas híbridas visto que: “[...] a fusão entre diferentes tradições culturais — são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura” (HALL, 2011, p. 24).

Outro traço desse hibridismo pode ser vislumbrado nas passagens que tratam da religião das personagens:

Ana Gertudres olhou-se no espelho e ajeitou as tranças negras que emolduravam o rosto bonito. Benzeu-se na frente ao pequeno oratório onde guardava a imagem de Nossa Senhora da Conceição [...]. Era a santa de sua devoção e Ana Gertudres não dormia sem invocá-la (NANTES, 2010, p. 27).

A evocação da santa, assim como esse lugar de oração, são crenças que os católicos mantêm até os dias de hoje, bem como outras, que são várias vezes, retomadas na obra: “o padre lhe dissera que a imagem viera da Espanha. Sua santa era linda! Iria protegê-la. Não podia deixá-la.” (NANTES, 2010, p. 28); “sino não toca à toa. Só na hora da reza. Meu Deus, o que está acontecendo? – perguntou-se Nhanhá” (NANTES, 2010, p. 29). A assertiva do padre, ao mencionar que a santa viera da Espanha reforça mais uma vez as trocas culturais que fizeram parte da formação identitária do estado de Mato Grosso do Sul, inclusive, presentes nas crenças religiosas. Assim, percebemos a presença de elementos que caracterizam a igreja católica, tanto na passagem da personagem Ana Gertrudes, como na de Nhanhá, esposa do papai Chico.

“Papai Chico viera de Poconé e era filho de uma índia guató com um descendente da família Pereira Mendes. Ele tinha as feições de bugre, moreno, cabelo espetado, corpo largo e atarracado” (NANTES, 2010, p. 29-30). O personagem Papai Chico é representante do sujeito mestiço, que traz marcas de cada uma das raças que descende, uma mistura de brasileiro com indígena. Assim, poderíamos afirmar que sua representação valida que na diferença revela-se uma identidade. Aliás, a mestiçagem é comum no nosso Estado e “o processo de colonização no Sul do estado de MS é resultante de uma heterogeneidade cultural” (SANTOS, 2010, p. 11).

Em Mato Grosso do Sul a formação cultural está associada às várias tradições ofertadas pelos imigrantes e migrantes. A figura da personagem Nhá Gervásia retrata muito

bem essa questão: vindo da capital do Paraguai ainda jovem, traz consigo sua tradição, como podemos observar no trecho abaixo:

Nhá Gervásia, a paraguaia que vendia chipa na vila, não acreditava nos horrores que contavam de seus patrícios. Ela viera ainda moça de Assunção, se lembrava com saudade dos rapazes guapos e gentis que conhecera. [...] Ela ficaria. Receberia seus patrícios com uma saudação em guarani e umas chipas quentes recém-tiradas do forno de barro. [...] Pensando assim, Nhá Gervásia pôs fogo no forminho do quintal, quebrou os ovos no polvilho e no queijo ralado (NANTES, 2010, p. 45).

Hoje é tão comum encontrar nas mesas do nosso Estado alguns pratos da culinária paraguaia, como também, nas padarias, feiras e até nas mãos dos vendedores ambulantes, pois, muitos sul-mato-grossenses sofreram e ainda sofrem essa influência devido à grande quantidade de paraguaios que nossa região tem abrigado, além dos constantes trânsitos entre essas culturas, já que o estado se localiza na fronteira entre Brasil e Paraguai.

Evidentemente essas são peças fundamentais na construção de identidades e na busca por um sentido de coletividade entre os indivíduos. Podemos ressaltar ainda, outra forte marca de identificação: “E pensava na primeira rodada de tereré, diria o quanto ela gostava dos brasileiros: eles eram gente boa, honesta e calma; viviam sem brigas, eram muito religiosos e trabalhadores” (NANTES, 2010, p. 37).

Se a chipa é cada vez mais aceita pela população, o tereré é um programa, um costume frequente de nossa gente. Prática normal nos dias quentes, acompanhado muitas vezes de uma boa prosa. Sob esta perspectiva, escritos de Hélio Serejo relatam:

Disseram já, e é verdade, que o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil. Afirmativa sem contestación. Esta bebida criouja, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troca, parceria para o trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de ideia para a fuga temerária (SEREJO *apud* SANTOS, 2010, p. 9).

Se nas passagens destacadas até o momento há fortes evidências que os constantes trânsitos culturais formaram uma cultura híbrida, mesclada de peculiaridades indígenas e paraguaias, é no personagem João Dias que elas ganham mais força. Conforme já citado, ele foi o único sobrevivente da família que teve o acampamento incendiado pelos indígenas. Posteriormente, ele foi criado como um deles, abarcando todas as suas marcas identitárias para si. Desse modo, é importante refletir sobre a condição da personagem de forma particularizada, no subitem que segue abaixo.

2.1 João Dias de Farias: Um caso particular

Alguns anos depois da guerra, quando as famílias já estavam em suas fazendas, os homens da vila Miranda souberam por um índio que havia uma criança muito loira, olhos azuis, vivendo numa aldeia distante entre os índios. (Aglay Trindade Nantes, 2010)

Evocamos a epígrafe tirada da obra em questão para as reflexões sobre o personagem João Dias, visando uma compreensão das mudanças culturais que ocorreram na vida desse indivíduo. Aglay T. Nantes narra, através das memórias de seus antecessores, a história desse menino, que sumira logo depois de ter seu rancho queimado e seus pais mortos pelos índios, “João Dias de Faria. Assim se chamava o menino que sumira. Fora batizado dias antes da fuga, na festa da vila. Agora, onde estará?” (NANTES, 2010, p. 47). Sua tia Ana Gertudres, não se conformava, amamentando sua filha Maricota e “afagando os louros cabelos da menina, ela pensava no sobrinho que tinha a mesma idade, os mesmos olhos azuis. Algo lhe dizia que ele não morrera” (NANTES, 2010, p. 48).

Desse modo, como anunciado em epígrafe, quando souberam do paradeiro de João Dias “os homens organizaram então uma expedição para se aproximar dos índios e recuperar a criança” (NANTES, 2010, p. 89). Foram dias de lutas mato adentro, na esperança de resgatar o menino que, “selvagem e arisco, não queria saber dos hopu’iti (homens) da expedição. Eles não falavam a sua língua, eram uns estranhos, usavam roupas esquisitas, eram feios e barbudos” (NANTES, 2010, p. 91). Assim, uma das leituras possíveis é que João Dias passa a estar todo tempo no entre-lugar⁵, pois, nas palavras Leoné Astride Barzotto:

Nos encontros culturais efetuados na zona de contato - espaço intersticial /entre-lugar / entremeio - em que duas ou mais culturas se chocam, há uma relativização de verdades e valores, pois os conquistadores disseminam sobre a comunidade a ser explorada um sentimento de superioridade, buscando invalidar e enfraquecer o que pertence ao outro e, desta forma, mais facilmente conquistar. Porém, ironicamente, o ‘eu’ só tem plena existência em diálogo e em relação ao ‘outro’ (BARZZOTO, 2010. p. 31).

Se João Dias está no meio das duas partes, há então “um terceiro espaço do discurso, que não pertence a nenhum dos lados envolvidos, mas a ambos. O ‘terceiro espaço’ e seu discurso fazem emergir a natureza híbrida do sujeito e de sua enunciação” (BARZZOTO, 2010, p. 32).

⁵ Trata-se do conceito de “entre-lugar”, cunhado por Silviano Santiago em 1978, segundo o qual a enunciação latino-americana ocuparia um lugar incerto entre duas posições discursivas, ou entre a posição dominante e sua negação pura. ÁVILA, 2009, p. 1-210. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/04-Myriam-Avila.pdf. Acesso em: 27 de set. de 2013.

O menino andava nu e não queria vestir-se. Recusava a comida que a tia preparava e só comia o que Miguel lhe trazia. Para dormir lhe arranjaram uma rede, mas ele não queria ficar dentro de casa. Preferia descansar no pico das árvores ou à beira do rio Aquidauana, no emaranhado dos sarás (NANTES, 2010, p. 93).

Com os olhos voltados para o nosso lugar, reconhecemos as formas de resistência às imposições sentida por João Dias. Naquele momento, o menino não se encontrava completamente distante do mundo branco, e sim no entre-lugar. Essa desestabilização está relacionada com as transformações ocorridas em sua vida durante toda a convivência com os indígenas, levando o menino a negar a princípio a cultura de partida. A tia Ana Gertudres conseguiu recuperar seu sobrinho das mãos dos índios, mas teria que ser paciente, João Dias não era o mesmo de antes, ele tinha sentimentos estranhos em relação aos costumes de suas raízes, não era aquilo que nasceu, era agora o que construiu.

Para vestir o sobrinho, Ana Gertudres precisou mostrar a João Dias que seus filhos eram iguais a ele. Num dia em que fazia muito frio ela pediu aos meninos que tirassem toda a roupa e mostrassem a João Dias que, sem elas, eles ficariam com frio. Começaram então a se vestir em frente ao primo e conseguindo assim convencê-lo a se vestir também (NANTES, 2010, p. 93).

Fica evidente que o convívio, durante a infância, com outra cultura, influenciou completamente o modo de ver o mundo e agir diante dele, para o menino João Dias de Faria. Ele só retorna para sua “casa” após o fim do conflito bélico, sem se lembrar dos costumes e da família de origem. Assim:

O menino João Dias fugia para o mato [...] Ele passava longas temporadas no Alinane até que o modo de viver que adquirira com os índios o fazia procurar outro lugar. Ana Gertudres compreendia o sobrinho e aceitava sua índole nômade de bugre. Por isso, ele sempre voltava ao Alinane sem se sentir prisioneiro (NANTES, 2010, p. 93).

As múltiplas identidades sul-mato-grossenses foram (e são) constituídas pelos variados contatos culturais, promovidos por meio de imigrações e migrações, entretecidos por entre os fios das memórias de Aglay Trindade Nantes “contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HAAL, 2011, p. 14). Assim, João Dias de Farias representa, na obra, o sujeito híbrido sul-mato-grossense, meio branco, meio indígena, que seguiu sua vida compartilhando costumes de duas culturas, que juntas, formam o nosso imenso e mosaico chão cultural.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BARZOTTO, Leoné Astride. O entre-lugar na literatura regionalista: articulando as nuances culturais. In: *Raído*, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 23-36, jan./jun. 2010.
- BOLAÑOS, Aimée G. Toda odisseia tem um final feliz? (A propósito de poesia e diáspora) (A propósito de poesia e diáspora). In: *Aletria*, n. 3, v. 22, set-dez, 2012.
- CORRÊA, V. B.; CORRÊA SALSA, L. *Memória e história em dois tempos*. s/d, p.15. Disponível em: http://www.ihgms.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=130:memoria-e-historia-em-dois-tempos&catid=47:valmir-batista-correa&Itemid=136. Acesso em: 20 de jul. 2013.
- HAAL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T.HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed., 1. Reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- _____. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MENEGAZZO, Maria Adélia. Representações literárias de Mato Grosso: o europeu, o latino americano, o brasileiro e o mato-grossense. In: *Literatura comparada: interfaces e transições*. SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.
- SANTOS, P. S. N. dos. *De Istambul a Dourados: entre Fronteiras e Dardanelos*. IN: *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. (org) SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. – Dourados: Seriema, 2010.xviii, 216p.
- _____. Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense. In: *www.dEsEnrEdoS.com.br* - ISSN 2175-3903 - ano II - número 05 - teresina - piauí - abril maio junho 2010 Disponível em: http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/05_dossie_-_literatura_sul-mato-grossense_-_nolasco.pdf. Acesso em: 21 de set. 2013